
ANTICONCEPCIONAIS HORMONAIIS ORAIS: TEM RELAÇÃO COM A TROMBOSE?

ORAL HORMONAL CONTRACEPTIVES: IS IT RELATED TO THROMBOSIS?

SANTOS, Ana Paula Doria¹; SATO, Marcelo del Olmo²; SATO, Ronise Martins Santiago^{1*}

1 - Centro Universitário Campos de Andrade, Rua Marumby, 283 Santa Quitéria, Curitiba, PR, Brasil

2 - Faculdade Evangélica do Paraná, Rua Padre Anchieta, 2770, Bigorriho, Curitiba, PR, Brasil

RESUMO:

Os anticoncepcionais hormonais orais são fármacos utilizados com o principal objetivo de evitar uma gravidez e hoje apresentam uma eficácia de 99% se tomado corretamente. Sua composição é bem variada tanto em relação a dosagem quanto ao princípio ativo. Entretanto, apesar dos inúmeros benefícios é preciso tomar cuidado com os riscos que podem ser gerados à saúde das mulheres. Este estudo é uma revisão bibliográfica sobre a relação dos anticoncepcionais com a trombose. O estudo evidenciou que apesar de os anticoncepcionais serem substâncias valiosas na vida das mulheres, eles precisam de atenção ao serem utilizados já que também possuem efeitos adversos, dentre eles o mais severo, a trombose, e com isso é ressaltada a importância da atenção farmacêutica na orientação dos fármacos.

Palavras-chave: Anticoncepcionais; Trombose; Atenção farmacêutica.

ABSTRACT:

Oral hormonal contraceptives are drugs used with the main objective of preventing pregnancy and today they are 99% effective if taken correctly. Its composition is very varied both in terms of dosage and active ingredient. However, despite the numerous benefits, care must be taken with the risks that can be generated to women's health. This study is a literature review on the relationship between contraceptives and thrombosis. The study showed that although contraceptives are valuable substances in women's lives, they need attention when they are used since they also have adverse effects, among them the most severe, thrombosis, and with this the importance of pharmaceutical care in the drug guidance.

Keywords: Contraceptives; Thrombosis; Pharmaceutical attention.

1. INTRODUÇÃO

Os anticoncepcionais orais combinados (AOC's) são fármacos utilizados com o principal objetivo de evitar uma gravidez e hoje apresentam uma eficácia de 99% se tomado corretamente. Sua composição é bem variada tanto em relação a dosagem quanto ao princípio ativo. Entretanto, apesar dos inúmeros benefícios é preciso tomar cuidado com os riscos que podem ser gerados à saúde das mulheres (LUBIANCA E WANNMACHER, 2012).

Assim como qualquer outro medicamento, os ACO's também podem causar efeitos adversos ao corpo feminino, como por exemplo as alterações vasculares. Dentre todos os problemas causados por estes medicamentos, um dos mais severos é a trombose (COUTO et al., 2021). De acordo com Callai et al., (2017) mulheres que usam anticoncepcionais orais têm pelo menos 5 vezes mais chance de apresentar eventos tromboembólicos.

Por outro lado, a orientação farmacêutica é uma forma de evitar possíveis erros e amenizar danos provenientes do mau uso dos medicamentos. Quando há falta de orientação ou má qualidade da mesma, pode surgir a automedicação, que no Brasil representam 35% das vendas nas farmácias (DELGADO E VRIESMANN, 2018). A automedicação induz o paciente a usar medicamentos que não precisam, retardar possíveis diagnósticos de doenças, e contribuir para ocorrência de interações medicamentosas e reações adversas (FREITAS, 2015).

Deste modo, o presente estudo visou abordar através de uma revisão bibliográfica a relação entre o uso de ACO's e a trombose.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Anticoncepcionais orais combinados

Os ACO's surgiram nos EUA na década de 1950, porém a sua comercialização iniciou a partir da década de 1960 (JANNOTTI et al., 2015). A primeira marca da pílula anticoncepcional teve o nome de Enovid® e apresentava mais de 90% de eficácia, o que para esta época foi um grande avanço já que não existia nada parecido até o momento, e assim rapidamente foi espalhada pelo mundo se tornando recurso mais utilizado por mulheres com o propósito de anticoncepção que persiste até os dias atuais (DIAS et al., 2018).

De acordo com o ministério da saúde, os ACO's, são hormônios isolados ou associados que tem como principal objetivo evitar a gestação. Eles se dividem em pílulas monofásicas, onde a dosagem de hormônios é a mesma para todas as pílulas; bifásicas, onde a dosagem de hormônios contém duas variações durante a cartela; e trifásicas, onde a dosagem de hormônios contém três variações durante a cartela (ALMEIDA E VIOLA, 2015; HASSUNUMA, GARCIA E MESSIAS, 2020).

Os anticoncepcionais são divididos em 1º geração, 2º geração, 3º geração e classificados de acordo com os progestágenos em sua composição e com as dosagens de

etinilestradiol, sendo considerada como alta dosagem as formulações iguais ou acima de 50µg e baixa dosagem as que apresentam concentração igual ou menor a 30µg (ALMEIDA E VIOLA, 2015).

A Tabela 1 cita alguns nomes de princípios ativos de estrógenos e progestágenos utilizados nos anticoncepcionais orais comercializados atualmente.

Tabela 1 - Hormônios presentes nos anticoncepcionais orais.

Estrógenos	Progestágenos
Etinilestradiol	Ciproterona
	Desogestrel
	Drospirenona
	Gestodeno
	Levonorgestrel
Mestranol	Linestrenol
	Noretindrona
	Noretisterona
	Norgestimato
	Norgestrel

Fonte: Adaptado de Duarte (2017).

O principal mecanismo de ação do AOS's está relacionado ao aumento do espessamento do mucocervical e promoção de níveis adequados de estrógeno e progesterona, inibindo assim a secreção dos hormônios LH (hormônio luteinizante) e FSH (hormônio folículo estimulante) impedindo a ovulação (SOUSA E ÁLVARES, 2018).

Entretanto apesar dos benefícios do seu uso, é verificado a presença de efeitos colaterais mais leves, como alterações de humor, cefaleia, náuseas, vômitos, e efeitos mais severos, como a trombose (FERREIRA, D'AVILA E SAFATLE 2019). Sendo fundamental além de avaliar os fatores individuais de cada paciente e suas necessidades, orientar a respeito de seus benefícios e também sobre suas contraindicações e efeitos colaterais (OSIS et al., 2004).

2.2 Anticoncepcionais e trombose

No corpo humano há um sistema de hemostasia que serve para manter o fluxocontínuo de sangue e a formação de um complexo coágulo-plaquetário no interior dasveias quando necessário. A possibilidade de o sangue coagular pode ocorrer por

três motivos: estase, quando há uma estagnação da velocidade de deslocação sanguínea; lesão na parede do vaso sanguíneo; ou hipercoagulabilidade, quando há aumento hereditário ou adquirido de fatores de coagulação (ALVES, ALMEIDA E BALHAU 2015).

A trombose se caracteriza pela formação de um trombo no interior do vaso sanguíneo causando obstrução parcial ou total da região onde está inserido (ALVES, ALMEIDA E BALHAU 2015). Depois de sua ocorrência, a trombose venosa (TEV) pode se tornar mais grave desenvolvendo o tromboembolismo pulmonar (TEP), podendo até ser fatal (HILGEMBERG, 2006). De acordo com Vitor e colaboradores publicado em 2016, nos EUA ocorrem em torno de 100 a 200 mil mortes por ano resultantes do tromboembolismo venoso.

Brito et al. (2011), no seu estudo observou que existe relação dos anticoncepcionais orais com a trombose, porém, em mulheres saudáveis o risco é baixo. Outro estudo realizado na Holanda demonstrou que de 51 (cinquenta e uma) mulheres com antecedente de trombose venosa superficial 1 (uma) delas poderia evoluir para TEV e posteriormente para TEP (SOUSA E ÁLVARES, 2018). Estudos demonstram ainda que a maior incidência da doença é em mulheres justamente por ter maior exposição aos anticoncepcionais e gravidez, que proporcionam alterações nas vias metabólicas de hemostasia (FERREIRA, D'AVILA E SAFATLE 2019).

Os anticoncepcionais hormonais modificam a viscosidade do sangue e a parede do vaso sanguíneo, aumentando os fatores de coagulação II, VII, IX e X e monômeros de fibrina, e diminuindo a antitrombina III, que é um anticoagulante. O principal modificador dessa hemostasia é o estrogênio presente nas formulações, porém os progestágenos também contribuem para o desequilíbrio (MELO et al., 2006). Foi observado que independente da dosagem dos níveis de estrogênio e progesterona há o aumento do risco de TEV, porém o risco de trombose varia de acordo com o princípio ativo que está presente nas pílulas (DUARTE, 2017; MELO et al., 2006).

Entretanto, é importante ressaltar que o risco de trombose causado pelo uso dos anticoncepcionais hormonais é influenciado por outros fatores associados, como a predisposição genética, fatores de risco e estilo de vida de cada indivíduo, bem como cirurgias, alcoolismo, obesidade, doenças cardiovasculares e tabagismo (SILVA, 2017).

Complementando, o tabagismo é contraindicado para o uso concomitante com anticoncepcionais hormonais, pois o cigarro provoca danos na parede dos vasos sanguíneos, causa vasoconstrição e aumenta os níveis de fibrinogênio, o que proporciona um aumento de coágulos na corrente sanguínea, contribuindo para o processo de trombose

(CALLAI et al., 2017). Pomp e colaboradores (2008) identificaram que fumantes podem apresentar um risco moderadamente aumentado de até 8 vezes para desenvolver TEV quando comparado aos não fumantes.

Por fim, o medicamento é um insumo essencial para a população, visto que a maioria das pessoas precisam utilizar para tratar ou prevenir comorbidades. O farmacêutico é o profissional mais qualificado no entendimento dos fármacos, desta maneira atua no fortalecimento dos resultados da farmacoterapia (NEVES E PINA, 2015).

O papel do farmacêutico é de grande importância para a contribuição do uso racional de medicamentos, onde o farmacêutico habilitado tem a possibilidade de orientar da melhor forma o paciente sobre a posologia, dosagem e efeitos colaterais dos medicamentos, visando melhoria na qualidade de vida e evitando danos que possam ser ocorridos pela automedicação, além de conseguir realizar um acompanhamento do paciente por meio da assistência farmacêutica (FREITAS, 2015).

3. METODOLOGIA

O presente trabalho tratou-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, descritiva e de revisão de literatura do tipo narrativa. Foram consultadas as seguintes bases de dados: LILACS, SCIELO, MEDLINE e BVS, utilizando como descritivo: “anticoncepcionais”, “trombose”, “automedicação” e com o seguinte operador de busca “and”. Foram consultadas ainda o banco de teses, dissertações da CAPES e também livros e outros materiais que vão ao encontro dos objetivos do presente estudo. Foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: materiais produzidos nos últimos 26 anos escritos nos idiomas português e inglês e como critérios de exclusão: artigos duplicados, incompletos e que não atendiam ao primeiro critério.

4. CONCLUSÃO

Desde 1960 os anticoncepcionais são utilizados e cada vez mais são a busca pela maioria das mulheres com a finalidade de evitar gestação. Mas, é preciso tomar cuidado pois como qualquer outro medicamento, este também tem a possibilidade de causar danos sérios a saúde, sendo o mais letal, a trombose. Neste cenário, o farmacêutico é de grande importância no uso racional de medicamentos tendo a qualificação para orientar e prevenir

possíveis efeitos indesejados da utilização dos fármacos, provendo com segurança a melhoria da qualidade de vida da população.

5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. C. D.; VIOLA, R. C. Anticoncepção Hormonal Oral. Ministério da Saúde, cap. 4, p. 61-149, Brasil, 2015. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/0102assistencia2.pdf>. Acesso em 14 mar. 2022.

ALVES, C. P.; ALMEIDA, C. C.; BALHAU, A. P. Tromboembolismo Venoso Diagnóstico e Tratamento. Sociedade Portuguesa de Cirurgia, 2015.

BRITO, M. B.; NOBRE, F.; VIEIRA, C. S. Contracepção hormonal e sistema cardiovascular. Atualização clínica - Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 96, n. 4, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0066-782X2011005000022>. Acesso em 14 mar. 2022.

CALLAI, T. et al. Tabagismo e uso de anticoncepcionais orais relacionados a fenômenos tromboembólicos: relato de caso e revisão de literatura. *Reprod Clim* 32(2):138-144, 2017.

COUTO, P. L. S. et al. Evidências dos efeitos adversos no uso de anticoncepcionais hormonais orais em mulheres: uma revisão integrativa. *Enfermagem Em Foco*, (S.I.), v. 11, n. 4, jan. 2021. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/3196/955>. Acesso em: 14 mar. 2022.

DELGADO, A. F. D. S.; VRIESMANN, L. C. O perfil da automedicação na sociedade brasileira. *Revista Saúde e Desenvolvimento*, 12 (11), 57-75, 2018. Disponível em: <https://www.uninter.com/revistasauade/index.php/saudeDesenvolvimento/article/view/950>. Acesso em: 14 mar. 2022.

DIAS, T. M. et al. “Estará nas pílulas anticoncepcionais a solução?” Debate na mídia entre 1960-1970. *Revista Estudos Feministas*, v. 26, n. 3, e46020, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n346020>. Acesso em: 14 mar. 2022.

DUARTE, A. J. V. G. Os anticoncepcionais orais como fatores de risco para a trombose venosa profunda. Monografia, Faculdade de Ciências da Saúde e Educação, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2017.

FERREIRA, L. F.; D'AVILA, A. M. F. C.; SAFATLE, G. C. B. O uso da pílula anticoncepcional e as alterações das principais vias metabólicas. *Femina*, v. 47, n. 7, p. 426-32, 2019.

FREITAS, I. H. S. D. Uso de anticoncepcionais orais e o papel do farmacêutico na dispensação: elaboração de um roteiro de dispensação. TCC, Curso De Bacharelado Em Farmácia- Universidade Federal De Campina Grande, Cuité – PB, 2015.

HASSUNUMA, R. M.; GARCIA, P. C.; MESSIAS, S. H. N. Métodos contraceptivos: Livro-Jogo para o Ensino de Embriologia. Canal 6 editora, São Paulo, 1º Edição, 2020.

HILGEMBERG, G. R. Proposta de um compressor sequencial pneumático intermitente para os membros inferiores e um estudo experimental preliminar na prevenção da trombose venosa profunda. Dissertação Graduação em Engenharia Elétrica e Informática - Universidade Tecnológica do Paraná, Curitiba – PR, 2006.

LUBIANCA, J. N.; WANNMACHER, L. MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). Uso racional de contraceptivos hormonais orais. Ministério da Saúde (BR). Uso racional de medicamentos. Brasília (DF): Ministério da Saúde, p. 91-102, 2012.

MELO, R. E. V. A. D. et al. Trombose Venosa Profunda. *International journal of dentistry*, 1(2), p. 73-79, Recife, 2006.

NEVES, D. B. D. S.; PINA, J. Assistência farmacêutica no SUS: Os desafios do profissional farmacêutico. *SAÚDE & CIÊNCIA EM AÇÃO*, v. 1, n. 1, p. 83-104, 2015.

OSIS, M. J. D. et al. Escolha de métodos contraceptivos entre usuárias de um serviço público de saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 20, n. 6, p. 1586- 1594, 2004.

POMP, E. R.; ROSENDAAL, F. R.; DOGGEN C. J. M. Smoking increases the risk of venous thrombosis and acts synergistically with oral contraceptive use. *American Journal of Hematology*. 83(2): 97-102. 2008 Feb.

SILVA, J. E. A relação entre o uso de anticoncepcionais orais e a ocorrência de trombose. Monografia Graduação em Farmácia - Faculdade de Educação e Meio Ambiente, Ariquemes – RO, 2017.

SOUSA, I. C. D. A. D.; ÁLVARES, A. D. C. M. A trombose venosa profunda como reação adversa do uso contínuo de anticoncepcionais orais. Rev. Científica Sena Aires. 7(1): 54-65, 2018.

VITOR, S. K. D. S.; DAOU, J. P.; GÓIS, A. F. T. D. Prevenção de tromboembolismo venoso (trombose venosa profunda e embolia pulmonar) em pacientes clínicos e cirúrgicos. Diagn Tratamento, 21(2):59-64, 2016.

*** Autor para correspondência:**

Ronise Martins Santiago Sato

Email: ronise.santiago@gmail.com

Centro Universitário Campos de Andrade, Rua Marumby, 283 Santa Quitéria, Curitiba, PR, Brasil

Recebido: 05/04/2022 Aceite: 06/04/2022